

O protagonismo da liderança feminina na Cooperativa Reciclo e sua relação com a estrutura de família contemporânea

Carla Fernanda Silva Prado¹ ;
Aline Machado de Moraes dos Santos²;
Amanda Ricardo de Pinho³;
Ariely de Castro Silva⁴ ;
Tháísa Emerick Menezes⁵.

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo fazer um paralelo entre as mudanças estruturais do modelo familiar e os seus devidos reflexos para o protagonismo da liderança feminina nas cooperativas, centralizando-se essencialmente na Cooperativa Reciclo.

PALAVRAS-CHAVE: protagonismo. mulheres. família. cooperativas.

ABSTRACT:

This article aims to make a parallel between the structural changes in the family model, and their reflections due to the role of female leadership in the cooperatives, centering mainly on Cooperative Reciclo.

1 INTRODUÇÃO

A experiência de cerca de três anos no Projeto Catadores junto à comunidade da Reciclo tem permitido a observação do processo de liderança feminina à frente de uma cooperativa, fato esse que se pode considerar inovador e ao mesmo tempo um movimento que não tem sido exclusividade na área de cooperativas e que tem sua origem em um processo histórico mais amplo.

As transformações ocorridas no processo de industrialização e no período Pós- 2ª Guerra Mundial trouxeram consigo a globalização, avanços tecnológicos

e acirramento de desigualdades sociais, onde o intenso acúmulo de capital gerou riquezas para uma minoria de pessoas e a exclusão social para uma maioria. Os que não se enquadravam nas mudanças exigidas, por tal avanço, buscaram novas formas de sobrevivência e conseqüentemente novas formas de trabalho, entre elas, a coleta de materiais descartados, que formam o lixo urbano, para o reaproveitamento por meio da reciclagem.

Nesse sentido, a América Latina vivencia um grande avanço do neoliberalismo que traz para essas classes menos favorecidas ações propositivas, gerando uma nova forma de superação econômica e sobrevivência frente ao sistema capitalista vigente na sociedade. Focando-se em um paralelo entre determinação e ação, as mulheres acabam por reproduzir outras formas de trabalho para além do doméstico. Diante das transformações geradas pela distribuição de riqueza do país, forma-se uma luta pela sobrevivência econômica, pela resistência ao crescente desemprego, aumentando a organização do gênero feminino, sobretudo frente às cooperativas.

Ainda que não sejam recentes algumas ações voltadas para a geração de renda constituída por trabalhadoras, ganharam visibilidade a partir da década de 1970, período em que as mulheres lutaram pela redemocratização do Brasil, a organização e sua participação na emancipação e conquista de direitos. Tais transformações na contemporaneidade vêm proporcionando uma maior participação feminina no mercado de trabalho.

Nesse contexto de crescimento do setor de serviços e do denominado “terceiro setor” aparece o cooperativismo enquanto uma alternativa de sobrevivência para classe trabalhadora, e também uma forma de organização típica do terceiro setor. A definição do objetivo de uma cooperativa, segundo o artigo 3º da Lei Federal n.5.764/71 é:

1 Mestre em Política Social pela Universidade de Brasília – UnB e docente do curso de Serviço Social da Universidade Católica de Brasília – UCB.

2 Acadêmica do Curso de Serviço Social da UCB e bolsista do Projeto Catadores.

3 Acadêmica do Curso de Serviço Social da UCB e bolsista do Projeto Catadores.

4 Acadêmica do Curso de Serviço Social da UCB e bolsista do Projeto Catadores.

5 Acadêmica do Curso de Serviço Social da UCB e bolsista do Projeto Catadores.

Celebram contrato de sociedade cooperativa as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens e serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetividade de lucro. O valor básico das ações numa cooperativa é o da ajuda mútua. A cooperativa, mais que um local de trabalho, é o ambiente onde pessoas se unem para a solução de problemas comuns, para alcançar objetivos comuns.

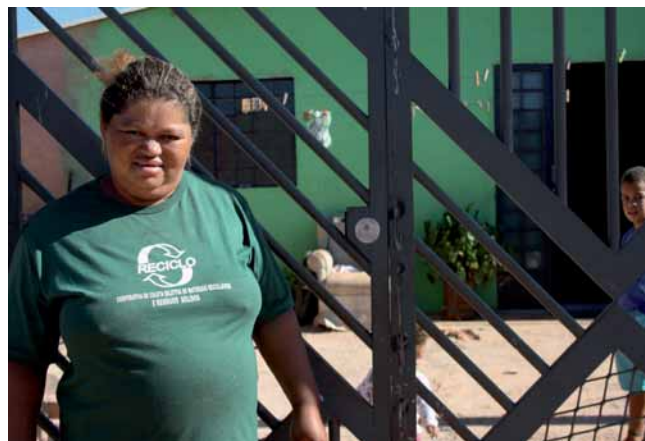
Exposto um breve histórico e definição sobre cooperativa, abre-se um caminho para especificar a análise sobre a Cooperativa Reciclo, sem deixar de delinear seu processo de constituição.

A gênese da Reciclo teve como fundamento a busca pela sobrevivência. Iniciou-se a partir de um agrupamento familiar formado pelo Senhor Gervásio da Silva, que escolheu Brasília para se fixar e abrigar sua família, ainda que em condições precárias, numa invasão de terras públicas localizada na Região Administrativa de Taguatinga-DF. A ele somaram-se catadores de materiais recicláveis, moradores de rua, e pessoas em condições de subempregos em busca de melhores condições de vida, coletando materiais descartados, separando, limpando e preparando para a venda às empresas de reciclagem. Através de muita luta e com ajuda de alguns parceiros, consolidou-se como cooperativa. No processo de constituição, que teve aproximadamente 15 anos de caminhada, as mulheres têm sido agentes indispensáveis para o fortalecimento da comunidade consolidada que como todo processo histórico continua em movimento.

Prova disso é que, atualmente, a liderança da Reciclo é exercida por duas mulheres: Jaqueline, na presidência e Mônica, como secretária, ambas eleitas pela comunidade. Além disso, encontramos na cooperativa várias famílias chefiadas por mulheres.

Diante dessa sucinta contextualização, se faz possível entender uma provável relação do protagonismo feminino na Cooperativa Reciclo, exemplificado nas lideranças, tanto no âmbito de organização da cooperativa quanto no espaço familiar, com o novo fenômeno de estrutura de família.

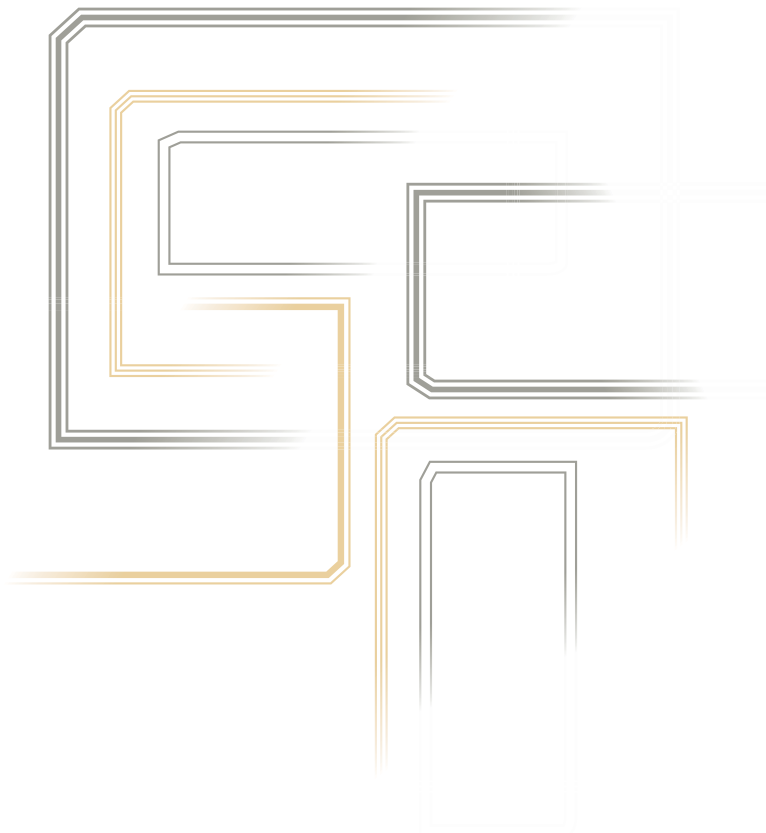
Quando nos referirmos ao protagonismo, levar-se-á em consideração a definição do *Dicionário Aurélio*, que conceitua como protagonista “Fig. Pessoa que tem o primeiro lugar em um acontecimento”.



Carolina Nogueira



Nayara Machado



2 CONCEITO DE FAMÍLIA

Para melhor entendermos a relação das novas configurações familiares e o papel das mulheres nos movimentos sociais, no caso específico da Reciclo, se faz necessário conceituar este espaço chamado família, e ao mesmo tempo, fazer um paralelo do seu caminho histórico e aspectos da sua trajetória de mudanças estruturais. Uma vez feito isso, torna-se possível mostrar como exemplo alguns movimentos sociais, majoritariamente organizados, formados e liderados por mulheres e assim pensar sobre o que essas evidências nos trazem de análises e tendências.

Conceituar família se mostra uma tarefa complexa, apesar de que intimamente o entendimento parece simples, uma vez que ela é base estruturante de quase todas as sociedades. As pessoas de certa forma se sentem parte de uma família, já fizeram parte dela ou compreendem de maneiras subjetivas o seu significado. Contudo, a complexidade existe justamente pelas alterações ocorridas neste espaço social, devido a vários fatores históricos, econômicos, sociais, demográficos e culturais.

A palavra família tem origem no latim, vem de “*famulus*” que significa: conjunto de servos e dependentes, de um chefe ou senhor, que vivem sob um mesmo teto. Comumente a família era entendida como um casal vivendo formalmente em matrimônio, filhos e demais pessoas, com laços sanguíneos, residentes sobre o mesmo teto. Entretanto, esta configuração familiar sozinha não representa totalmente a nova realidade da família no Brasil. Um forte indício disso é que a *Constituição Federal Brasileira*, desde 1988, ampliou consideravelmente esse conceito. A Carta Magna entende a família como sendo a base da sociedade civil, assim como a união estável entre homem e mulher, é reconhecida como entidade familiar e a todos os dependentes devem ser assegurados a proteção em seu sentido amplo.

Sendo a família base da sociedade civil, alterações nas estruturas econômicas e sociais da sociedade são refletidas e sentidas primeiramente no âmbito familiar. Ou seja, todo o redesenho socioeconômico afeta diretamente a estrutura e as relações familiares. A isso se refere Mônica Maria Torres, no livro *Política Social Família e Juventude*:

Na verdade, as condições sociais econômicas do Brasil na atualidade refundam a tendência

já historicamente predominante na sociedade brasileira, qual seja, a de resolver na esfera privada questões de ordem pública. Na ausência de direitos sociais, é na família que os indivíduos tendem a buscar recursos para lidar com circunstâncias adversas. Dessa forma, as mais diversas situações de precariedade social, desemprego, doença, velhice, encaradas como dramas da esfera privada, tenderam a ser solucionadas na família, como responsabilidade de seus membros. Na maioria das vezes, a responsabilidade recai sobre as mulheres, tornando-as responsáveis pelo cuidado dos filhos menores, dos idosos, doentes e deficientes, sobrecarregando-a ainda mais, considerando-se que grande parte das famílias são chefiadas por mulheres. (TORRES, 2004, p.63).

Entretanto, devido às intensas mudanças econômicas, culturais e sociais, a estrutura familiar tomou várias novas configurações. A mulher, que historicamente é responsável pelas questões afetivas e o fortalecimento dos laços entre os membros da família, está saindo para o mercado de trabalho. No caso das famílias de baixa renda, geralmente a mulher tem saído para o mercado de trabalho em decorrência da desestruturação e desregulamentação deste, e em muitos casos, continua assumindo no grupo familiar o mesmo papel, mas de forma sobrecarregada. Isso gera várias consequências, das mais distintas formas e complexidades no âmbito privado, porém, igualmente vistas e encaradas como questões privadas. Culturalmente a família também vem sofrendo mudanças. Há vários novos preceitos morais que regularizam a vida do grupo familiar. A relativização dos valores morais em relação ao matrimônio, a regularização do divórcio, as famílias formadas por casais homossexuais que estão lutando para serem legalmente reconhecidos. São indícios de como aquela concepção tradicional de família não contempla como único conceito a nova realidade da família.

3 MODELO DE FAMÍLIA CONTEMPORÂNEO

É importante salientar em primeiro plano alguns dados levantados para a construção de um quadro do papel exercido pelas mulheres no cenário familiar contemporâneo. Em segundo plano, construir um paralelo mostrando a relação entre essas mudanças estruturais da família brasileira e seus reflexos para o protagonismo feminino nas cooperativas, fazendo especificamente uma análise da experiência empírica dentro da Cooperativa Reciclo.

Nas últimas décadas a família brasileira tem passado por várias transformações, alguns pontos podem ser destacados, tais como: aumento da população idosa; diminuição na taxa de mortalidade; novos vínculos de relacionamento familiar, com o aumento de uniões consensuais; e o que merece maior destaque neste momento, que é a nova figura da mulher na população brasileira, dentro e fora da área doméstica.

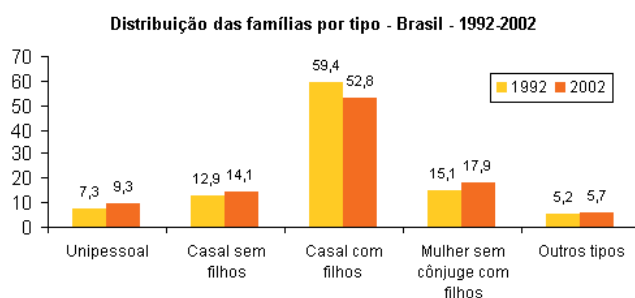
Na segunda metade do século XX várias mudanças podem ser citadas, “principalmente na saída da mulher para o mercado de trabalho, na educação dos filhos, na impessoalidade nas relações sociais, no controle da natalidade e no enfraquecimento dos laços de parentesco.” (MELLO, 2006, p.11).

Foi a condição urbano/rural que causou a baliza para determinar o tipo familiar. E também que a união do processo de urbanização e da industrialização da sociedade no século XX, juntamente com o fenômeno da migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e o Estado. Em decorrência desta união ocorreram o enfraquecimento das relações de parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido. (TERUYA, 2000 apud MELLO, 2006 p.10).

Esses novos fatores atingem diretamente a estrutura familiar, junto com a criação do divórcio – que se configurou em forma de lei em 1977 – e a introdução dos métodos contraceptivos.

Dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) expressam numericamente esses dados, especificamente dos anos de 1992 a 2000.

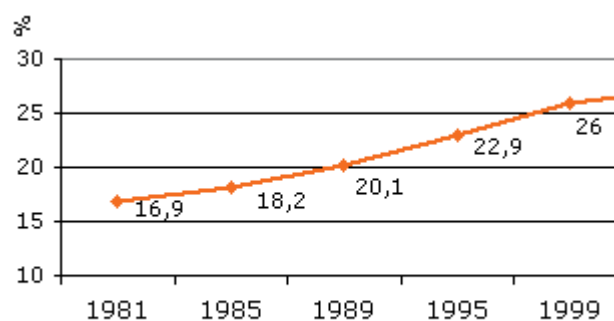
O número de famílias com mulheres e filhos sem cônjuge teve acréscimo, porém predomina ainda o padrão histórico de família casal com filhos. Como mostra o gráfico abaixo:



Fonte: IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2003 e IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2000.

O gráfico revela que mesmo sendo maior o padrão de casal com filhos, este vem decrescendo. Onde em 1992 era uma média de 59,4, regressa para 52,8 em 2002. E olhando para o modelo familiar de mulher sem cônjuge com filho, este sofre crescimento. Em 1992 a média era de 15,1 e em 2002 passa a 17,9.

Desde a década de 80 vem crescendo continuamente a proporção de mulheres como pessoa de referência da família. Essa é uma tendência que pode ser observada no gráfico a seguir.



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1981 a 1989, 1990

Nessa linha, Mello tenta explicar a razão desse crescimento:

[...] em se tratando de família é difícil afirmar o que influenciou o que. Mudaram as relações de trabalho, o poder aquisitivo, as crenças da ciência e a legislação. Cada mudança tem a sua parte na responsabilidade do formato das famílias na virada do século XXI, porém um aspecto é inegável: as mulheres foram as principais protagonistas das mudanças ocorridas na família nas últimas décadas do século XX. (MELLO, 2006, p.13).

4 OS REFLEXOS DAS MUDANÇAS ESTRUTURAIS FAMILIARES PARA AS COOPERATIVAS, ESPECIFICAMENTE NA RECICLO

Percebe-se que o fato de mulheres estarem liderando cooperativas para garantir a sua sobrevivência e lutar por melhores condições de vida não é um fato isolado da comunidade Reciclo.

A partir de pesquisas em sítios eletrônicos, temos como exemplo a cooperativa de Porto Alegre Univens (Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos), que foi criada em 1996 com o objetivo de dar oportunidades para as mulheres que não conseguiam adentrar ao mercado de trabalho formal. Depois de um longo processo de discussão



decidiram montar uma cooperativa, onde mulheres de 35 a 70 anos entraram com três quotas de R\$ 1, 00 (um real) para a sua formação.

Nessa mesma direção a Griffe Morro da Cruz e em Porto Alegre, foi criada em 1993, com o sentido de garantir um trabalho próprio para as mulheres da comunidade. O projeto, que inicialmente tinha como objetivo a geração de renda alternativa, havia como pretensão somente criar uma moda bonita e de fácil acesso à população pobre do Morro da Cruz. A cooperativa iniciou com 8 mulheres de 20 a 64 anos. Elas escolheram trabalhar com a confecção de roupa a partir da reciclagem de retalhos e peças usadas.

Outro grupo que representa o protagonismo das mulheres nos movimentos sociais e na luta pela sobrevivência, que é provocado pela precarização do trabalho formal no atual sistema neoliberal é o movimento de mulheres camponesas (MMC). Esse movimento é caracterizado pela atuação homogênea de mulheres na área rural: elas estão à frente na lavoura, na conquista pela Reforma Agrária. O MMC é constituído por várias cooperativas formadas somente por mulheres camponesas.

Esses exemplos qualitativos mostram que a feminização do trabalho é uma conquista. No entanto, não se pode esquecer, por sua vez, que ela foi concedida também porque favorecia a lógica do capital.

Diante das análises e reflexões expostas ao longo do artigo pode-se traçar um caminho lógico. Este se inicia nas novas formas de estruturas econômicas geradoras de “nichos” sociais onde muitos são excluídos do mercado formal de trabalho, seguidos da ausência do Estado, que, sob a lógica neoliberal, não está cumprindo o seu papel de garantidor de direitos mínimos. A partir daí as consequências do sistema econômico e do vácuo deixado pelo Estado são sentidas no espaço familiar, e assim encaradas como problemas do mundo privado e não só do mundo socioeconômico.

Seguindo a mesma lógica desse caminho, a mulher possui no espaço familiar um papel historicamente definido. Ela é geralmente responsável pela afetividade, cuidados e manutenção da família. Com as mudanças socioeconômicas, os papéis do homem e da mulher são redefinidos. O primeiro, principalmente nas camadas mais baixas, é expulso do mercado formal de trabalho, e dentro da família perde o papel de provedor, ou muitas vezes recorre ao abandono do lar e à dependência química. A segunda amplia o seu papel, ela se torna também a provedora da casa, tanto nos casos em que o homem continua no espaço familiar quanto nos casos de abandono. Evidentemente este processo acarreta sobrecargas para a mulher e reflexos positivos e ao mesmo tempo limitadores dentro do espaço familiar.

Uma das maneiras de garantir e prover a sobrevivência no lar é a formação de cooperativas. Ora, o mercado de trabalho está tomado de mulheres que aceitam muitas vezes condições trabalhistas precárias e desiguais para garantir o seu sustento e o de seus familiares. A constituição dos novos modelos de cooperativas provavelmente está seguindo o mesmo caminho

lógico que justifica a presença protagônica das mulheres.

Na Reciclo são as cooperadas que lotam o salão de reuniões para as tomadas de decisões. São as mulheres da cooperativa que compram bola de futebol, inventam campeonatos para atrair a participação masculina no grupo. Em tempos de quedas do preço de materiais recicláveis, são as mulheres que saem da cooperativa para fazerem trabalhos domésticos, artesanatos, bazares, ligam para as entidades parceiras, pedem ajuda, entram em movimento para garantirem o seu sustento e de seus familiares.

Nesse sentido analítico se fundamentou o presente artigo, baseado nos dados empíricos observados na Cooperativa Reciclo que exemplificam aquele processo.

“A relativização dos valores morais em relação ao matrimônio, a regularização do divórcio, as famílias formadas por casais homossexuais que estão lutando para serem legalmente reconhecidos. São indícios de como aquela concepção tradicional de família não contempla como único conceito a nova realidade da família.”

São as mulheres cooperadas da Reciclo, as catadoras de materiais descartados, as seletoras, as cozinheiras, as mães solteiras, as esposas, as negociadoras, as líderes ou as lideradas e não se pode negar que essa presença feminina é inovadora diante de séculos de uma história patriarcal em que competia exclusivamente aos homens o processo de liderança e tomada de decisão.

Não se pretende dizer que os homens na Cooperativa Reciclo não tenham participação ou atuação, mas empiricamente, estes não têm sido tão expressivos ao serem comparados com elas. Enfim, são as mulheres que estão se mostrando como protagonistas nesta luta desigual diante do processo de reprodução do capital, confirmando, nesse caso específico, o caminho lógico indicado no artigo como possibilidade latente de ser a justificativa para a constituição dos novos modelos de movimentos sociais e de cooperativas, onde as mudanças estruturais no modelo contemporâneo de família acompanham o dado protagonismo feminino nas cooperativas, em específico na Reciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL . Lei Federal nº. 5.764 de 1971.

ANDRADA, Cris Fernández. O encontro da política com o trabalho: história e repercussões da experiência de autogestão das cooperadas da UNIVENS. USP, 2006. Disponível em: <http://cooperativassarava.org.node/13>. Acesso: 4 de dezembro de 2009.

DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Protagonista>. Acesso em: 21 de novembro de 2009. IBGE. "A Família Brasileira" In: Atlas Geográfico Multimídia (2007). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html> Acesso: 11 de novembro de 2009. MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS (site oficial, 2009). A afirmação de muitas histórias. Disponível em: <http://www.mmcbrazil.com.br/>. Acesso em: 27 de novembro de 2009.

NASCIMENTO, Arlindo Mello do. População e família brasileira: ontem e hoje. Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Andrea Vitor Tunes de. Perspectivas para uma propagando mais humana. Brasília, UCB, 2009. Graduação em Comunicação Social. Universidade Católica de Brasília. REDE MULHER DE EDUCAÇÃO (ONG), 2002. "III Concurso de Empreendimentos Exitosos liderados por Mulheres confirma ações voltadas para a geração de renda e a transformação cidadã". Disponível em: <http://www.redemulher.org.br/encarte50.html>. Acesso: 4 de dezembro de 2009.

SALES, Mione Apolinario, MATOS, Maurílio Castro de & LEAL, Maria Cristina (organizadores). Política social família e juventude: uma questão de direito. São Paulo, Cortez, 2004.